

**O SENTIDO DA PESQUISA CIENTÍFICA E OS MÉTODOS PARTICIPATIVOS DE  
INTERVENÇÃO NA REALIDADE:**

**Reflexões a partir da ação junto ao povo indígena Truká**

**THE SENSE OF SCIENTIFIC RESEARCH AND THE PARTICIPATORY METHODS OF  
INTERVENTION IN REALITY:**

**Reflections from now on with the Truká indigenous people**

Marília Ruana Nascimento Moura<sup>1</sup>

Eduardo Vivian da Cunha<sup>2</sup>

Mariana Santos Diniz<sup>3</sup>

**Resumo:** Este trabalho apresenta uma reflexão sobre ações e vivências promovidas pela Incubadora de Empreendimentos Populares e Solidários - ITEPS enquanto núcleo de pesquisa, extensão e cultura, através das atividades junto às comunidades indígenas. Buscou-se, assim, apontar os benefícios e desafios dos métodos de pesquisa participativa quando inseridos em comunidades tradicionais, mais especificamente, na comunidade indígena Truká, situada em Cabrobó-Pernambuco. Compreendemos que a discussão desses benefícios e desafios dos métodos participativos, quando aplicados às comunidades indígenas, é o pontapé inicial para a reformulação do pensamento colonial, o qual insere as comunidades tradicionais em uma bolha de estereótipos e deduções sem fundamentos na realidade local. A inserção nas comunidades indígenas se faz em várias etapas, ocorrendo a troca mútua de saberes acadêmicos e tradicionais entre os envolvidos na ação.

**Palavras-chave:** Colonialidade, Pensamento Descolonial, Comunidades Tradicionais

**Abstract:** This work presents a reflection on actions and experiences promoted by the Incubadora de Empreendimentos Populares e Solidários - ITEPS as a center for research, extension, and culture, through activities with indigenous communities. The aim was to

<sup>1</sup> Bacharelada em Administração Pública e Gestão Social pela Universidade Federal do Cariri - UFCA. Escritora, Co-autora do projeto vencedor do terceiro lugar na etapa regional do Ceará Científico, "Juventude, Projetos de Vida e Ensino Médio". Atualmente é pesquisadora pela Incubadora Tecnológica de Empreendimentos Populares e Solidários - ITEPS

<sup>2</sup> Possui doutorado (2012) e mestrado (2008) em Administração pela Universidade Federal da Bahia e graduação em Engenharia Química pela Universidade Federal do Rio Grande do Sul (2002). É professor pela Universidade Federal do Cariri atuando nos cursos de Administração Pública, Administração e nas especializações em Inovação Social em Economia Solidária e em Permacultura e como coordenador do programa de Extensão Incubadora Tecnológica de Empreendimentos Populares e Solidários

<sup>3</sup> Graduanda em Administração Pública e Gestão Social pela Universidade Federal do Cariri (UFCA). Membro do Laboratório de Estudos em Gestão de Cidades e Territórios (LaCITE-UFCA).

highlight the benefits and challenges of participatory research methods when applied in traditional communities, specifically within the Truká indigenous community located in Cabrobó, Pernambuco. We understand that the discussion of these benefits and challenges of participatory methods when applied to indigenous communities is the initial step toward the reformulation of colonial thinking, which places traditional communities in a bubble of stereotypes and unfounded deductions about local reality. Engagement with indigenous communities occurs in several stages, involving the mutual exchange of academic and traditional knowledge among those involved in the initiative.

Keywords: Coloniality, Decolonial Thought, Traditional Communities.

## Introdução

As primeiras atividades da ITEPS junto às comunidades indígenas tiveram início entre os anos de 2020, 2021 e parte de 2022, acontecendo predominantemente de modo remoto e online, em decorrência da pandemia do COVID-19. Este trabalho, se debruça sobre a segunda parte das atividades da Incubadora, realizadas entre os anos de 2022 e 2023, com enfoque na experiência resultante das gravações do documentário “Cultura e Memória do Povo Truká”. Buscou-se, assim, apontar os benefícios e desafios dos métodos de pesquisa participativas quando inseridas em comunidades tradicionais, justificando-se pela urgência em pensar povos originários fora dos estereótipos deixados pela colonização e pelo direito de incorporação dos saberes tradicionais ao estudo das Ciências Sociais, provocando a reformulação do pensamento colonial predominante na Universidade.

Assim, nossa discussão segue refletindo como o escopo acadêmico pode se inserir nos territórios indígenas e porque as metodologias de pesquisa tradicionais falham, em grande medida, em contemplar as especificidades dessa parcela da população.

É importante reformular o pensamento científico e inserir os debates descoloniais na universidade, instigando o pensamento crítico no que diz respeito à concepção tradicional de que tudo que é produzido deve ser retido apenas na universidade e na bolha acadêmica. Quando tratamos do “giro metodológico”, à semelhança do “giro descolonial”, a intenção é se colocar em foco o uso dessas pesquisas e projetos em prol da transformação social, promovendo conhecimentos, ideias e ações construídos dialogicamente, em linguagem acessível e aberta à população apartada destas discussões, desburocratizando o acesso à pesquisa e à informação.

## Os Positivismo nas ciências sociais e suas limitações

Há uma leitura que vem se estabelecendo nas críticas aos métodos científicos tradicionais nas ciências sociais que apontam as diversas limitações desta forma de construção de saber, tendo-se em vista a complexidade do mundo social e o desejo estabelecido, em muitos de nós, pela mudança social.

Tenório (1995, p. 9), sintetiza assim a visão do pensamento científico tradicional, de cunho positivista:

Por teoria tradicional, os frankfurtianos entendem todo conhecimento positivista, onisciente, que procura estabelecer princípios gerais, enfatizar o empirismo e a verificação e identificar proposições gerais para submetê-las à prova. Visa ao conhecimento puro, antes que à transformação social. Trabalha os fatos sociais como fatos quase neutros, análogos às ciências naturais.

Do ponto de vista da teoria crítica, tal forma de conhecimento coisifica o objeto, definindo uma construção ideológica do conhecimento (*Ibidem*). Sob o manto da neutralidade, interesses e valores específicos são camuflados, retirados do debate, mas acabam por condicionar toda a forma de leitura do mundo. Ninguém pode se eximir completamente dos seus condicionantes históricos, do momento em que vive e da cultura em que está imerso (*Ibidem*).

Outro dos pontos cegos do método científico tradicional é a separação sujeito-objeto. Tenório (1995) aponta que a teoria crítica, por exemplo, “não aceita o conhecimento como distinto e superior à ação e reconhece que a pesquisa é impossível de ser desinteressada em uma sociedade em que os homens não são autônomos” (*Ibidem*, p. 10). Esta separação seria, mesmo, impossível na prática, porque o próprio pesquisador é parte integrante (ou se torna), do tecido social que estuda. Ele é sempre parte do “objeto” estudado.

Esta fundamentação em uma suposta posição “neutra”, “objetiva”, “concreta” da realidade faz com que sejam validados, principalmente, um tipo de estudo como sendo “científico”. No caso do campo da gestão organizacional, são aqueles estudos que apontam ao sucesso do mercado. Nestes casos, a própria razão instrumental é confundida como razão, genericamente, e métodos quantitativos como “métodos”, também genericamente. Esta visão

toma para si o monopólio das definições dos conceitos, que sob uma reivindicação universalista, definem perspectivas bastante particulares do mundo. Podemos dizer que este é o caso de conceitos como desenvolvimento, sustentabilidade, democracia, dentre outros.

Assim, a “objetividade” dos métodos tradicionais cumpre com seu propósito de reprodução do *status quo*, que, no final das contas, acaba aderindo ao compromisso de avançar com o projeto colonial.

Isto nos remete a um outro problema, que não se separa do apresentado até aqui, e que está vinculado ao pensamento científico tradicional: é justamente a sua produção dentro de uma perspectiva colonial. Castro-Gomez (2005) aponta a primazia do conhecimento (técnico-científico) no ordenamento da modernidade, ou seja, fundamentando o “projeto da modernidade”:

Em primeiro lugar, e de maneira geral, referimo-nos à tentativa fáustica de submeter a vida inteira ao controle absoluto do homem sob a direção segura do conhecimento. O filósofo alemão Hans Blumentberg (1997) mostrou que este projeto exigia, conceitualmente, elevar o homem ao nível de princípio ordenador de todas as coisas. Já não é a vontade inescrutável de Deus que decide sobre os acontecimentos da vida individual e social, e sim o próprio homem que, servindo-se da razão, é capaz de decifrar as leis inerentes à natureza para colocá-las a seu serviço. Esta reabilitação do homem caminha de mãos dadas com a ideia do domínio sobre a natureza através da ciência e da técnica, cujo verdadeiro profeta foi Bacon. De fato, a natureza é apresentada por Bacon como o grande “adversário” do homem, como o inimigo que tem de ser vencido para domesticar as contingências da vida e estabelecer o *Regnum hominis* na terra (Bacon, 1984: 129). E a melhor tática para ganhar esta guerra é conhecer o interior do inimigo, perscrutar seus segredos mais íntimos, para depois, com suas próprias armas, submetê-lo à vontade humana. O papel da razão científico-técnica é precisamente acessar os segredos mais ocultos e remotos da natureza com o intuito de obrigá-la a obedecer nossos imperativos de controle. A insegurança ontológica só poderá ser eliminada na medida em que se aumentem os mecanismos de controle sobre as forças mágicas ou misteriosas da natureza e sobretudo aquilo que não podemos reduzir à calculabilidade. (Ibidem, p. 80)

Temos, então, o problema da desvalorização de todo conhecimento que não é “científico”, e que não segue o padrão de pensamento e de visão do mundo europeu. Aqui, temos ainda duas considerações a serem feitas, que provêm do pensamento colonial: uma, que a forma de estruturar todo pensamento no formato científico é uma produção exclusivamente europeia, uma invenção sua e da qual outros povos não têm capacidade, ao menos dentro da sua cultura tradicional, de realizar; e outra, de que qualquer outra forma de pensar o mundo é

considerada inferior e categorizada como não científica, primitiva, mágica, etc. Estes conhecimentos são considerados primitivos e anteriores, devendo, por isto ser superados, mesmo com o emprego de diversos tipos de violência.

Em síntese, temos, então, dois problemas fundamentais, ao tratar da ciência tradicional: um de sentido, como forma de conhecimento que se autoproclama como superior e que, junto com as demais ferramentas da colonialidade, se coloca em posição autoritária e destrutiva com relação à outras formas de conhecimento; e um segundo, intimamente relacionada com este primeiro, tem a ver com as suas formas de realização: são os desenhos da ciência tradicional, que, ao incorporar os elementos da neutralidade, da separação sujeito-objeto e da objetividade assume uma forma de fazer que atende ao projeto da modernidade.

### **As perspectivas participativas na pesquisa em ciências sociais e suas possibilidades**

Diante do que foi exposto anteriormente, fica clara a urgência em se pensar métodos de aplicabilidade e inserção de pesquisadores dentro das comunidades indígenas, uma vez que surge a necessidade de adequação dos métodos de pesquisa utilizados. É comum observar que pesquisas realizadas dentro de territórios indígenas carregam o objetivo comum de querer principalmente ensinar algo (especialmente a visão de mundo moderna).

A visão descolonial visa desfazer a ideia do indígena estereotipado e mostrar que, apesar da colonização ter como intenção dizimar a cultura desses povos, ela ainda persiste. Para que isso seja possível, uma das formas de descolonizar essa ideia estereotipada, é realizar a aproximação com estes povos por meio de ideias que rompam com o modo predominante de fazer ciência, pensando-se em métodos de pesquisa participativos e pensando-se em perspectivas de integração de saberes, para além dos saberes científicos.

Um dos métodos que têm se desenvolvido para reconfigurar isto que se entende por pesquisa científica é a pesquisa participante. Para Brandão (2006), a metodologia da pesquisa participante tem como objetivo fazer com que os estudos e pesquisas tenham uma compreensão mais dinâmica, integrada e operativa do campo social às suas aplicações no aprimoramento das relações de atores envolvidos em experiências de ação agenciada em favor de algum tipo de mudança ou desenvolvimento social, com vistas à melhoria na qualidade de vida. Ou seja, os

dados eventualmente coletados não ficam retidos apenas aos pesquisadores, uma vez que têm potencial para serem transformados em melhorias para a sociedade, especialmente para os sujeitos envolvidos. Em linhas gerais, o núcleo pesquisador faz com que a comunidade faça em conjunto uma análise da sua própria realidade, sendo todos partícipes da pesquisa.

Aqui, rompe-se a ideia da separação entre pesquisadores-objetos da pesquisa; todos são pesquisadores e todos são sujeitos da pesquisa, e a realidade analisada é aquela que passa a ser composta por todos os atores envolvidos. A realidade deixa de ser um dado absoluto e separado do pesquisador, e passa a ser justamente o que se forma do encontro entre pesquisador e pesquisados; de fato, todos passam a ser pesquisadores e pesquisados. Há, evidentemente, diferenças entre os participantes, mas estas não têm a ver com hierarquização e subordinação de saberes e pessoas frente ao saber científico, ou de pessoas entre si em função do grau de formação escolar. Estas diferenças estão relacionadas com as ferramentas, contextos, conhecimentos, formação cultural pessoal e propósitos pessoais que cada sujeito traz para o lugar onde será realizada a pesquisa. Por exemplo, alguém traz um conhecimento técnico específico (geralmente, mas não só, vem de alguém que chega da academia); alguns participantes têm um maior conhecimento sobre a história e os fatos locais (geralmente, mas não só, dos moradores); outros possuem maior habilidades de liderança e mobilização; e assim por diante.

As reconfigurações sobre como a pesquisa científica é pensada passam também por repensar a ideia de que esta se realiza voltada à produção de materiais somente acadêmicos. Isto significa também romper com a supremacia da linguagem codificada da academia que limita o acesso de muitos. Facilitar a inserção dessa parcela na academia é também proporcionar meios de transformação social. Aqui entramos no aspecto da não-neutralidade da pesquisa. Brandão (2006) pontua que um traço comum à direita e à esquerda das inúmeras iniciativas de associação entre pesquisa e ação social, situa-se em uma motivação para tornar as investigações em comunidades populares em algo mais do que um instrumento de coleta de dados. Em dotar o trabalho científico de pesquisa de dados uma atividade também pedagógica e, de certo modo, também assumidamente política. Sendo mais ativa e mais participativa, a investigação social deveria fazer-se mais sensível a ouvir as vozes dos destinatários pessoais ou coletivos dos programas de ação social. Deveria fazer-se capaz, também, de “dar a voz” e deixar que de fato

“falem” com as suas vozes as mulheres e os homens que em repetidas investigações anteriores acabavam reduzidos à norma dos números e ao anonimato do silêncio das tabelas. Ou seja, entendendo-se que a ciência não é neutra, ou seja tem lado e tem intenção social (mesmo que formalmente não o expresse ou mesmo não tenha plena consciência disto, em muitos casos); assume-se aqui abertamente como propósito a busca pela emancipação dos sujeitos sociais!

Aproximando-se de Brandão (2006), Thiollent (1986) define a metodologia da pesquisa-ação como um tipo de pesquisa social com base empírica, que é concebida e realizada em estreita associação com uma ação ou com a resolução de um problema coletivo, e no qual os pesquisadores e os participantes representativos da situação ou do problema estão envolvidos de modo cooperativo ou participativo. Desse modo, os dados deixam de ser apenas elucidativos e passam a desenvolver ações de melhoria social, com base no que foi coletado. Neste caso, a pesquisa deixa de ser apenas acadêmica e passa a ser também sócio-política, uma vez que também possui a finalidade de elucidar um fato e agir no meio social em que foi elaborada.

Apesar da pesquisa participativa e da pesquisa-ação possuírem o mesmo propósito, essas duas vertentes possuem diferenças, sendo a principal delas o uso de metodologias de observação participante, ou seja, na pesquisa participativa há, de fato, o empenho da equipe pesquisadora em ser aceita dentro da comunidade pesquisada, para que assim sejam feitos os estudos e pesquisas. Por outro lado, a pesquisa-ação é feita [...] quando houver realmente uma ação por parte das pessoas ou grupos implicados no problema sob observação. Além disso, é preciso que a ação seja uma ação não-trivial, o que quer dizer uma ação problemática merecendo investigação para ser elaborada e conduzida. (THIOLLENT, 1986).

Embora não referido diretamente nesta seção, todos estes pontos têm por intenção, também, endereçar o primeiro problema fundamental apontado na seção anterior, que é a perspectiva colonial da ciência. Nestes processos de aproximação com realidades distintas daquela de onde se originou a pesquisa (acadêmica), deve haver um princípio a nortear as ações: todos os tipos de conhecimento são válidos, e o método científico é apenas mais uma forma de leitura do mundo, não guardando qualquer tipo de superioridade natural frente a qualquer outra; suas ferramentas devem ser adotadas somente se puderem se integrar de forma não destrutiva e não-violenta à culturas e práticas locais, e a partir da plena concordância de todos os atores sociais envolvidos!

Para que possamos construir uma reflexão alicerçada na prática, faz-se necessário pensar como essas metodologias são de fato aplicadas na comunidade, levando em consideração que as interações sociais não podem ser previstas e há a incidência de acontecimentos não programados durante a investigação-ação. Na seção a seguir, será detalhado como procuramos aplicar as metodologias participativas aqui citadas na comunidade Truká.

### **A construção de metodologias participativas a partir da experiência com o povo indígena Truká**

A construção da pesquisa aqui apresentada foi, assim, alicerçada, em metodologias participativas de pesquisa. Adotou-se como método a pesquisa-ação (THIOLLENT, 2005), em que, através de visitas foi possível socializar a história, as vivências e a organização sociocultural da aldeia, com os moradores que a compõem. Assim, todo o processo (desde o seu planejamento, execução e avaliação) têm sido construído junto à comunidade de forma participativa, tendo como palco central de atuação a Escola Indígena Capitão Dena, situada dentro do território Truká.

O trabalho de produção do documentário foi desenvolvido em conjunto entre as bolsistas de pesquisa e de cultura, Ana Carolina Brandão Tavares de Amaral, Mariana dos Santos Diniz, Marília Ruana Nascimento Moura e Tainá Silva de Freitas, as quais relatam vivências e experiências no território por conta do projeto “Cultura e Memória do Povo Truká”. Estas descreveram também, detalhadamente, os processos que levaram até a construção da ideia, a escolha do tema, a gravação das imagens e os procedimentos de montagem do material coletado.

A partir do seu relato da experiência, Amaral e Freitas (2023) descrevem que, para que a produção do documentário pudesse chegar até a fase da gravação, o projeto teve uma fase de planejamento ligado à etapa do roteiro, que foi realizado por diversas conversas e idealizações. A princípio, a equipe da ITEPS se reuniu através de uma videoconferência com alguns estudantes e professores da escola indígena Capitão Dena, localizada dentro do território Truká, para conversar sobre o processo de criação e elaboração do roteiro.

Para coletar o material do documentário e da pesquisa, a equipe se deslocou da região do Cariri até a ilha da Assunção, no Pernambuco, onde foram realizados os acordos e planejamento junto com representantes da comunidade, em reuniões realizadas na Escola e em conversas diversas. As entrevistas foram gravadas e o material passa por transcrição e seleção de temas, priorizando as informações mais importantes do relato dos(as) entrevistados(as).

Durante alguns finais de semana, de abril a dezembro de 2022, com última visita de alinhamento das imagens registradas em março de 2023, a equipe visitou a Ilha da Assunção, local onde fica a aldeia do Povo Truká. Todos os materiais gravados foram assistidos em conjunto pela equipe do projeto e por lideranças que participaram das reuniões (que eram sempre abertas), validando o que foi coletado e construindo-se os caminhos para as ações seguintes. No escopo das entrevistas estão conversas com caciques, pajés, anciões, anciães e professoras. Além disso, foram gravadas algumas paisagens naturais conhecidas na região.

Além disso, a equipe teve a oportunidade de vivenciar momentos sagrados e religiosos que são importantes para este povo, como é o caso do toré. Neste momento, foi possível captar também imagens sobre a cultura, a espiritualidade e a vida deles que, posteriormente, irão compor o documentário.

Amaral e Freitas (2023) relatam também que o documentário idealizado pela ITEPS busca registrar a história e inventariar informações de como se deu a retomada desses territórios, podendo assim, preservar as memórias dos ancestrais da aldeia e contar parte da história brasileira através da ótica daqueles que aqui já estavam e que foram vítimas do processo de colonização europeia. O foco dos registros é entender como se formaram (e se formam) as lideranças Trukás. Buscou-se coletar as memórias dos Truká para que, através da oralidade e dos recursos audiovisuais, sua história pudesse ser contada pelos próprios protagonistas e repassada para a juventude.

O documentário será composto, principalmente, por depoimentos de anciãos, anciães e jovens, e de registros tratando das vivências da comunidade Truká em Cabrobó-PE. Para tratar da formação e do papel das lideranças indígenas para o Povo Truká é preciso compreender a história dessa comunidade. Toda organização social possui uma origem que necessita ser compreendida, a fim de se conhecer melhor sua realidade presente. Também se faz necessário coletar as percepções das pessoas envolvidas com o tema.

Um aspecto de avaliação que se sobressai na equipe que participou do projeto, é que as visitas à comunidade são sempre permeadas de intenso aprendizado, especialmente pela oportunidade de experimentar uma outra forma de perceber e viver o mundo.

## **Conclusão**

Nosso propósito com este trabalho foi refletir sobre o sentido do método científico, em geral, e como a ideia de pesquisa científica pode ser entendida no contexto da relação da universidade com povos indígenas, pensando-se numa perspectiva descolonial. Utilizamos o exemplo de um projeto realizado com o Povo Truká para apontar como pensamos essas possibilidades num caso concreto e que aprendizados tiramos daí.

Este foi um processo com muitos altos e baixos, idas e vindas. Há todo um caminho de aprendizados sobre os ritmos e prioridades locais, para o bem fluir das relações e intenções do projeto em consonância com as perspectivas da comunidade e dos atores locais. Conhecer e se integrar, na medida do possível, são elementos fundamentais para pesquisadores que estejam dispostos a trabalhar por propósitos emancipatórios junto a quaisquer comunidades.

Há um aparente esforço adicional em realizar metodologias como as que aqui apresentamos, entretanto entendemos que este é um dos caminhos para construirmos uma academia que se aproxime de uma perspectiva descolonial! E não há como trilhá-lo sem o esforço adicional de se abrir mão de elementos estabelecidos e se iniciar a construção de outros, em direção a uma sociedade mais plural e que respeite e valorize a imensa diversidade cultural, especialmente no nosso país. Isto é válido, em especial, quando tratamos de povos tradicionais, e mais especificamente de povos indígenas, devido à grande dívida histórica existente em função do processo de colonização, do qual a universidade, no seu formato atual, é uma das suas herdeiras!

## **Agradecimentos**

À Pró-Reitoria de Pesquisa, Pós-Graduação e Inovação (PRPI), da Universidade Federal do Cariri (UFCA) e ao Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico (CNPq).

## Referências

AMARAL, Ana Carolina; FREITAS, Tainá; Capítulo 11: O Projeto Cultura e Memória do Povo Truká: Desafios e Aprendizados. In: **Entre a Resistência e os Encantos: Diálogos Sobre a Gestão Social e Bem-Viver com Povos Tradicionais**. 2023.

BRANDÃO, Carlos Rodrigues. **A pesquisa participante e a participação da pesquisa: um olhar entre tempos e espaços a partir da América Latina**.

CASTRO-GOMES, S. Ciências sociais, violência epistêmica e o problema da “invenção do outro”. 2005. In LANDER, E. **A colonialidade do saber: Eurocentrismo e ciências sociais Perspectivas latino-americanas**. Clacso. 2005 Disponível em: <http://bibliotecavirtual.clacso.org.ar/>. Acessado em nov/2020.

TENÓRIO, Fernando G. **Gestão Social: uma perspectiva conceitual**. Rio de Janeiro. RAP Rio DE JANEIRO ~2(~):7-2~. SET.IOUT. 1998.

THIOLLENT, M. Metodologia da pesquisa-ação / Michel Thiollent. - São Paulo : Cortez : Autores Associados, 1986. (Coleção temas básicos de pesquisa-ação).

MOURA, Marília; CUNHA, Eduardo Vivian; DINIZ, Marina Santos. O sentido da pesquisa científica e os métodos participativos de intervenção na realidade: reflexões a partir da ação junto ao povo indígena Truká. Revista de Estudos Indígenas de Alagoas – Campiô. Palmeira dos Índios, v. 3, n. 1, p. 106-116.